



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE GEOGRAFIA**

**ANA RAÍSA FERNANDES VINENTE**

**GEOGRAFIA BÍBLICA: AS CATEGORIAS DE ANÁLISE DA CIÊNCIA  
GEOGRÁFICA NO CONTEXTO BÍBLICO.**

**SANTARÉM  
2023**

**ANA RAÍSA FERNANDES VINENTE**

**GEOGRAFIA BÍBLICA: AS CATEGORIAS DE ANÁLISE DA CIÊNCIA  
GEOGRÁFICA NO CONTEXTO BÍBLICO.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, no Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará, com intuito de obter o título de licenciada em Geografia, sob a orientação da Profa. Dra. Ednea do Nascimento Carvalho.

**SANTARÉM  
2023**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) Sistema  
Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa**

---

V782g Vinente, Ana Raísa Fernandes  
Geografia Bíblica: as categorias de análise da ciência geográfica no contexto bíblico./ Ana Raísa Fernandes Vinente. – Santarém, 2023.  
39 p.: il.  
Inclui bibliografias.

Orientadora: Ednéa do Nascimento Carvalho.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará,  
Instituto de Ciências da Educação, Programa de Ciências Humanas, Licenciatura em Geografia.

1. Contexto bíblico. 2. Categorias de análise. 3. Ciência geográfica. I. Carvalho, Ednéa do Nascimento, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 220.91



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROGRAMA DE CIÊNCIAS  
HUMANAS LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

No decimo oitavo dia do mês de julho, do ano de dois mil e vinte três, às 19h, de maneira remota por videoconferência: <https://meet.google.com/twp-dvxxg-ijq> (Google Meet), realizou-se a Defesa Pública do Trabalho de Conclusão de Curso da discente ANA RAISA FERNANDES VINENTE, intitulado: : "**GEOGRAFIA BÍBLICA: AS CATEGORIAS DE ANÁLISE DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA NO CONTEXTO BÍBLICO.** " sob

orientação da professora Dra. Ednea do Nascimento Carvalho (presidente) ICED/UFOPA que compôs a banca examinadora juntamente com os professores avaliadores: a professora Dra. Maria Julia Veiga da Silva (avaliadora interna) ICED/UFOPA e a professora Dra. Amélia Regina Batista Nogueira (avaliadora externa) da Universidade Federal do Amazonas. A presidente fez a abertura do trabalho com a apresentação dos componentes da banca e da discente e atribuiu o tempo de vinte minutos para a apresentação do trabalho e para as devidas arguições pelos membros da banca. Após a apresentação, seguiu-se a arguição e, em seguida, as respostas. Posteriormente, os membros da banca fizeram suas considerações finais passando a palavra para o discente que efetuou seus agradecimentos. A comissão reuniu-se e apresentou o parecer final **APROVADO**, com a nota 9,5. Nada mais havendo a tratar, eu, professora Ednea do Nascimento Carvalho, lavrei a presente ata que, após ser lida, será assinada pelos membros da banca e pela discente.

Santarém, 18 de julho de 2023.

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ednea do Nascimento Carvalho (orientadora)

Profa. Dra. Maria Julia Veiga da Silva (1<sup>a</sup> Avaliador)

Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira (2<sup>o</sup> avaliador)

Ana Raísa Fernandes Vinente (Discente concluinte)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo ar que respiro, e por me conceder chegar até aqui, “I Dele, por Ele, e para Ele, são todas as coisas. A Ele seja glória para sempre!”. Romanos 11:36.

Agradeço aos meus pais que sempre me apoiaram durante toda a vida e não mediram esforços para me dar o que há de melhor e o que estava ao alcance deles, e por me ensinarem os princípios e valores genuínos da vida.

Agradeço aos meus irmãos Flávia e Breno e a minha cunhada Leane, que sempre me incentivaram a estudar e me apoiaram na realização desse trabalho.

Agradeço também ao meu avô Joacyr, que muitas vezes me "patrocinou" durante a minha jornada acadêmica.

Agradeço a minha amiga Fabrícia, que acreditou nesse trabalho e me ajudou em muitos momentos com palavras incentivadoras durante o tempo que passei pesquisando e escrevendo.

Agradeço especialmente a minha orientadora, professora Dra. Ednea Nascimento Carvalho, por acreditar no meu trabalho desde o primeiro dia que eu lhe falei e por todos os ensinamentos durante as disciplinas ministradas no decorrer do curso, foram fundamentais para minha formação acadêmica e profissional.

Agradeço a banca examinadora: Professora Dra. Maria Júlia Veiga da Silva, e Professora Dra. Amélia Regina Batista Nogueira por aceitarem participar deste momento.

## RESUMO

Sabemos que a Geografia é a ciência que descreve a superfície terrestre e busca compreender as relações físicas, sociais, econômicas, políticas e naturais com a sociedade que nela habita. Nesse aspecto as categorias de análise da geografia no contexto bíblico insinuam um debate interessante. Essas categorias são divididas em paisagem, lugar, região e território. Na Bíblia é revelado momentos históricos da humanidade, com as categorias de análise da geografia identificando como os povos viviam naquela época, como era a economia, a política e como eles se relacionavam com o meio ambiente e de que forma viviam em sociedade. O objetivo dessa pesquisa é caracterizar as categorias de análise da ciência geográfica implícitas nas narrativas bíblicas. Relacionando a Geografia com as narrativas bíblicas, podemos identificar nos dias atuais como a paisagem daquela época ainda é vista, como o sentimento de pertencimento do lugar ainda é forte e considerado pela humanidade, como a região ainda é economicamente influente e como o território ainda é motivo de conflitos. Logo, são muitas as singularidades bíblicas que podemos identificar atualmente através da geografia.

**Palavras – chave:** Contexto bíblico. Categorias de análise. Ciência geográfica.

## **ABSTRACT**

We know that Geography is the science that describes the earth's surface and seeks to understand the physical, social, economic, political and natural relationships with the society that inhabits it. In this aspect we can analyze, through historical geography, the categories of analysis of geography in the biblical context. These categories are divided into landscape, place, region and territory. The Bible reveals historical moments of mankind, and through the categories of analysis of geography we can identify how the people lived at that time, what their economy and politics were like, and how they related to the environment and how they lived in society. The objective of this research is to characterize the categories of analysis of the geographic science implicit in the biblical narratives. Relating Geography to the biblical narratives, we can identify, nowadays, how the landscape of that time is still seen, how the feeling of belonging to the place is still strong and considered by mankind, how the region is still economically influential, and how the territory is still a reason for conflicts. Therefore, there are many biblical aspects that we can identify today through geography.

**Key words:** Biblical context. Categories of analysis. Geographical science.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 .....	13
Figura 02 .....	15
Figura 03 .....	17
Figura 04 .....	22
Figura 05.....	25
Figura 06.....	26
Figura 07.....	29
Figura 08.....	31
Figura 09.....	32

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>CAPITULO 1 - ABORDAGEM SOBRE AS CATEGORIAS DE ANALISE DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 – Paisagem.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 – Lugar .....</b>	<b>14</b>
<b>1.3 - Região .....</b>	<b>16</b>
<b>1.4 – Território.....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO 2 – NARRATIVAS BÍBLICAS E AS CATEGORIAS DE ANALISE DA GEOGRAFIA: CONTEXTUALIZAÇÃO E DIMENSÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>2.1 - Paisagem – Monte Sinai .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2 - Lugar – muro das lamentações e templo de Jerusalém .....</b>	<b>24</b>
<b>2.3 - Região – Egito/canal de Suez.....</b>	<b>27</b>
<b>2.4 -Território –Colinas de Golã.....</b>	<b>30</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

Inicia-se a introdução, a partir de um memorial no qual apresenta o contexto que levou a construção da perspectiva do trabalho de conclusão de curso. Meu nome é Ana Raísa, sou a filha mais nova de três irmãos, meu pai Eliel, minha mãe Nilcevani. Nasci em Santarém Pará, criada por uma família cristã, e com educação familiar baseada nos princípios cristãos.

Desde quando nasci, meu pai trabalhava em uma empresa como eletricitista, e por conta do seu trabalho sempre tínhamos que mudar de cidade. Quando eu e os meus irmãos estávamos estudando, e o meu pai era transferido para outra cidade, a primeira coisa que a minha mãe procurava era a nova escola em que íamos estudar.

Os primeiros anos de escola até a alfabetização meus pais sempre procuravam colocar a gente em uma escola particular, para ter um melhor acompanhamento, minha mãe se preocupava muito com a nossa escrita. Quando chegava em casa ela sempre olhava as atividades que deveríamos fazer, e acompanhava cada passo. Esse acompanhamento da minha mãe foi fundamental para criar o gosto pelos estudos. E foi isso que aconteceu, eu sempre gostei de estudar.

Desde criança eu era fascinada por mapas, não podia encontrar um mapa que ficava por momentos parada olhando tentando entender. Eu lembro que minha mãe comprou um quebra-cabeça do mapa do Brasil, eu montava-o como uma “brincadeira”, nessa brincadeira eu ia aprendendo o nome dos estados e em qual região eles ficavam.

Em uma dessas mudanças de cidade fomos morar em Oriximiná, quando estava lá, todos os anos eu fazia a prova do Enem e quando abria o processo seletivo da Ufopa eu fazia minha inscrição, mas nesse período não consegui a aprovação no processo para ingressar na universidade.

Mudamos de volta para Santarém em 2017, fiz novamente o Enem e em 2018 consegui passar no processo seletivo e ingressei na Ufopa, no início foi muito complicado, pois eu estava passando por um período muito difícil. Hoje eu digo que foi o momento certo, consegui passar por este período estudando e adquirindo conhecimentos fundamentais da ciência Geográfica. Fui monitora do Projeto CeAnama durante a pandemia, foi um trabalho bem desafiador naquele momento, mas foi incrível!

Quando chegou no semestre da disciplina de Tcc I eu passei dias procurando um tema para o meu projeto, eu sabia que queria falar sobre paisagem, não sabia como, mas eu queria, sempre fui uma observadora de paisagens. Pensei em Literatura, pensei em Educação Ambiental, pensei na cidade de Santarém e as paisagens dela, enfim, pensei em muitas coisas, mas não chegava onde eu queria. Foi então que lendo alguns versículos da Bíblia, comecei a perceber que ali estava, a

paisagem que eu tento pensar. Então foi como se tudo fizesse sentido agora, perguntei para três pessoas o que elas achavam da ideia, e todas disseram que seria ousado e diferente.

A partir daí eu não consegui pensar em outro tema a não ser Paisagem, Lugar, Região e Território no contexto bíblico, e claro fui procurar os mapas e onde cada uma dessas categorias estava citadas nos textos bíblicos, como elas passaram pelo tempo e o que significam hoje em dia para humanidade.

Os últimos 4 meses foram bem desafiadores, em concluir a pesquisa deste trabalho, mudar de cidade novamente, começar a trabalhar em uma escola adquirindo a minha primeira experiência como professora no Ensino Fundamental II, e colocando em prática o que aprendi durante todo o curso, é um desafio e uma responsabilidade que tem sido gratificante.

Mediante o contexto supracitado, justifica-se a realização deste a partir da temática que aborda as categorias de análise da Geografia no contexto bíblico, em que são mencionadas características espaciais que se referem aos fenômenos geográficos.

A ciência geográfica estuda a superfície terrestre e a relação homem-natureza, ela busca compreender como vivem os homens, as plantas, os animais, os fenômenos climáticos, as formações terrestres, o relevo e os aspectos físicos tudo isso no espaço geográfico, e como ocorre essa relação entre a sociedade – natureza e o uso e a apropriação dos recursos disponíveis.

A Geografia, portanto, é considerada uma ciência que estuda o espaço. Dentro do espaço geográfico, são trabalhadas categorias como: paisagem, lugar, região e território, fundamentais para análise geográfica. Todavia, o espaço é a categoria mais abrangente da Geografia. Ele é estudado no contexto da relação sociedade- natureza. (RODRIGUES, 1966, P. 16).

Imputa-se que a análise dos textos bíblicos proporciona o detalhamento e a interpretação de fatos narrados como as características físicas, recursos econômicos e as transformações políticas das diversas regiões, a localização geográfica de cada país, observando a língua de origem e se esse dialeto ainda existe.

Destarte que as narrativas bíblicas trazem diversas histórias entre as quais podem ser citadas as dos povos que habitavam em regiões de terras altas, outro fenômeno geográfico importante é a distribuição das terras, causando uma fragmentação política, naquela época poucos governadores foram capazes de unificar os territórios, além da relevância em citar os locais estratégicos para as rotas de comércio que passavam por Israel. Esse campo de estudo permite o delineamento no que se refere os diversos contextos apreciados, porque os textos demonstram a transformação socioespacial da humanidade.

A proposta da pesquisa tem como objetivo geral, caracterizar as categorias de análise da ciência geográfica implícitas nas narrativas bíblicas e, especificamente relacionar o debate do

temário geográfico com os textos bíblicos, identificar como a paisagem é visualizada, o sentimento de pertencimento do lugar considerado pela humanidade, a região economicamente influente e o território, que ainda é motivo de conflitos.

A pesquisa é qualitativa, tendo como método o estudo bibliográfico, em que se adotou como percurso metodológico a análise do referencial teórico, em que o mesmo materializa - se o debate entre o discurso da ciência geográfica e as narrativas bíblicas. Menciona-se que foram usados alguns livros do Antigo Testamento e do Novo Testamento, pois não seria possível e em tempo hábil caracterizar todos os livros bíblicos. Por conta disso elegeu-se o que se pode chamar de passagens bíblicas contidas nos livros de: Êxodos, Esdras, Gênesis, Deuteronômio, Romanos, Josué, Lucas, Jó, Marcos, Mateus e dos Salmos.

O corpus do texto encontra-se dividido em dois capítulos. No primeiro discutiu as categorias de análise da Geografia, exemplificando uma realidade próxima, no sentido de demonstração do entendimento que se tem acerca do debate proposto. O segundo capítulo traz a pesquisa em si, apresentando o caminho dos textos bíblicos e o aporte teórico associado aos mesmos, com o intuito de alcançar os objetivos propostos para a execução desse trabalho. As considerações finais trazem um panorama final quanto a pesquisa no sentido, de não concluir, mas de ponderar o debate proposto.

## **CAPITULO 1: ABORDAGEM SOBRE AS CATEGORIAS DE ANÁLISE DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA.**

A ciência geográfica tem por objeto de estudo o espaço geográfico que o mesmo se encontra dividido em categorias de análise: paisagem, lugar, região e território, implicando em atinar para o que Haesbaert (2004, P. 36) aponta que “as principais linhas teórico-conceituais em que a expressão é ou pode ser utilizada, sem pretender impor a conceituação à problemática, mas mostrando sempre a diferenciação e transformação dos conceitos em função das questões priorizadas”.

A reflexão move-se não somente pela ponderação, mas desenvolve caminhos que interpassa pela sistematização dos saberes com a intencionalidade de contextualização do conhecimento, no sentido de considerar todas as narrativas instituídas acerca da ciência geográfica.

Sendo assim, o intuito desse primeiro capítulo é a compreensão acerca da importância de cada uma dessas categorias para a ciência geográfica, tendo como fundamentação a construção epistemológica instituída pelo arcabouço teórico.

### **1.1 – Paisagem**

Iniciar-se-á discussão a respeito das categorias de análise da Geografia pela paisagem, pois segundo Santos (1998, P. 2) é: “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca.”, o que significa que a mesma é composta por um conjunto de elementos naturais, técnicos e/ou culturais.

Em praticamente todas as civilizações o conceito mais elaborado de paisagem tanto nas artes como na aplicação em jardins, foi, até quase o século XX, um assunto para poucos. Na Europa, a noção coletiva de paisagem foi formada sob influência do aumento e rapidez da circulação das pessoas, a instituição de colônias, a imprensa e a fotografia, dentre outros. No Ocidente, o primeiro termo para designar paisagem foi a palavra alemã *landschaft*. Este termo existe desde a Idade Média, para designar uma região de dimensões médias, em cujo território desenvolviam-se pequenas unidades de ocupação humana. Com o “século das luzes”, o termo assimilou também um senso semântico, com a noção de quadro, arte e/ou natureza. (MAXIMIANO, 2004, p.85).

Diante da conjunção trazida por Maximiano (2004) é perceptível que para a Geografia o conceito de paisagem só efetivaria após o referenciado estudo de Humbolt, entre outros, que trouxeram o debate para o contexto da academia e, assim, fundamentando a partir da cientificidade como nos assegura:

Entre os geógrafos há um consenso de que a paisagem, embora tenha sido estudada sob ênfases diferenciadas, resulta da relação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos. E que ela não é apenas um fato natural, mas inclui a existência humana. Tanto a escola alemã, como a francesa, que influenciaram a geografia brasileira, dão ênfase a aspectos diferentes da paisagem. A geografia alemã tem herança naturalista, desde Humboldt; a francesa desenvolveu observações quanto à região, formada pelas culturas e sociedades em cada espaço natural. (MAXIMIANO, 2004, p.87).

O debate aprofundado na construção do pensamento geográfico a respeito de paisagem foi institucionalizado a partir do momento em que a Geografia passa a ser considerada uma ciência presente no “hall” da academia. Mas, é interessante, apontar que a paisagem pode estar inserida em uma área particular ou pública, sendo capaz de representar famílias ou povos em determinado espaço geográfico e, que estão sempre em transformação temporal. (MAXIMIANO, 2004).

Para Maximiano (2004), significativamente, a paisagem está presente no dia a dia das pessoas, muitas vezes “cheiros” ou “perfumes” conduz ao passado, a momentos que foram vivenciados em determinadas fases da vida do indivíduo que se mantém preservado na memória, sendo, portanto, considerada como uma paisagem concebida a partir de lembranças, entretanto para Rodrigues (1966, P. 29-30) “a paisagem é um objeto específico da geografia, pois estuda os aspectos visíveis do real, vistos pelo observador.”

Outra sim, a paisagem pode ser natural ou técnica, natural quando não foi modificada pela ação do homem, o que muito embora, não esteja isenta de sofrer as transformações pela própria natureza, dependendo das condições do clima, chuva, vento. Essas alterações são percebidas cada vez mais por quem as observa. Contudo a paisagem técnica ou cultural é transformada com a ação humana com construções de casas, escolas, prédios, revelando os aspectos culturais de uma determinada localidade. (MAXIMIANO,2004).

Como um bom exemplo acerca do que foi mencionado anteriormente, é comum na região Norte do Brasil, viajar de barco para as cidades vizinhas, e o que se observa durante a viagem, é que as casas, escolas e igrejas, são construções de madeira e tem uma parte elevada chamada de palafitas, geralmente, essas construções estão em áreas que ficam alagadas em determinado período do ano, que é o caso da nossa região, pois acontece o período de cheia dos rios da Amazônia, com isso a paisagem acaba mostrando características culturais do local.

Outro ponto interessante da cheia dos rios é que neste período ocorre, também, a mudança de trajetos de algumas embarcações, pois quando o rio está mais cheio essas rotas podem ser alteradas, perfazendo caminhos alternativos, por afluentes que estão com o nível da água elevado. Isso faz com que as horas de viagens possam ser reduzidas, tornando mais rápido a chegada em outras cidades. Nessas viagens, também consegue observar as mudanças na paisagem da região,

como demonstrado na figura 1, a embarcação pode passar mais perto das comunidades ribeirinhas, o acesso as mesmas são mais fáceis nesse período do ano.

**FIGURA 1: Comunidade Ribeirinha.**



Autoria: VINENTE, Ana Raísa Fernandes (2021).

A exemplificação mencionada acima, tonifica o debate que a paisagem se modifica com o tempo, e com isso, ressignifica áreas, sejam elas naturais ou modificadas, o que segundo Souza (1963, P.61) “o conceito de paisagem merece ser bem mais valorizado (e integrado com outros conceitos, tais como território e lugar) do que tem sido”, o que por muitas vezes não acontece na pertinência do debate.

No meio urbano, quando observamos os casarões antigos que, geralmente, estão nos centros das cidades, tem a nitidez, conforme nos apresenta Troll (1997, P.3) que “todas as paisagens refletem também transformações temporais e conservam testemunhos de tempos passados”, por terem sido cenários para acontecimentos históricos. É nesse sentido que a paisagem testemunha, releva e contribui para a história da humanidade.

Para Santos (1988, P. 23) “uma paisagem escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos”, ou seja, a paisagem não é só o que é bonito, pode estar representada por um lixão a céu aberto, tendo a presença de pessoas nesse ambiente insalubre. Outro exemplo é a segregação socioespacial, em que um condomínio de luxo é construído ao lado de uma ocupação irregular, formada por pessoas de baixa renda, na qual essa paisagem vai revelando grupos sociais distintos, o que conduz a uma reflexão acerca do que Bertrand (1972) nos aponta:

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (BERTRAND, 1972, P. 141)

Portanto, a paisagem tem uma representação universal, ela está tanto nos grandes centros urbanos ou no interior, pois segundo Santos (1988, p.24) “a paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança.”, porque qualquer espaço geográfico é passível de observação, e sendo correlacionado ao conhecimento geográfico e suas categorias de análise.

## 1.2 – Lugar

Partindo para o conceito de lugar, o mesmo pode ser caracterizado como o espaço em que as relações sociais acontecem diariamente. De acordo com Nogueira (2020, p.14) “o lugar é produzido no dia a dia, na relação de afetividade, de rejeição, de circulação, ver e ler, o lugar-espaço vivido para além da localização”, isso carrega a uma reflexão de que o lugar é construído por significados como a casa, na qual tem o convívio com a família, a rua, o bairro, a escola, entre outros, porque o lugar é o local que se constrói as relações sociais, culturais e religiosas.

Santos (2002, P.108) discorre que “a região e o lugar, aliás, definem-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente”, ou seja, o lugar é único, e comporta os significados e símbolos que a ele são atribuídos no espaço geográfico. Cria-se uma relação intrínseca de pertencimento com o lugar, pois a tal sensação fica explícita quando se diz que pertence àquela cidade, àquele bairro e àquela rua, reconhecendo as características do lugar, em razão das referências típicas do mesmo.

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante – identidade – lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado apropriado e vivido através do corpo. (CARLOS, 2007, P. 17).

Concatenando com o pensamento de Carlos (2007), o lugar possui uma representativa única para cada indivíduo, porque permite ao mesmo interpor relações que tão somente seja possível de serem instituídas se tiver a materialidade das mesmas, podendo ou não interferir diretamente na transformação da paisagem e, por conseguinte na materialização do espaço geográfico. Isso acontece porque a discussão acerca de lugar, no que compete a Geografia, está pautado sob a ótica de inúmeras interpelações e especificidades que corporificam explicitamente a extensão que advém da pluralidade de inter-relações existente entre o homem e o ambiente. (STURZA,2020).

O lugar é o local onde o indivíduo se reconhece enquanto uma singularidade, que denota uma gama de significações comuns a ambos no contexto do espaço social e cultural, donde provém a identidade pessoal. Assim, percebe-se claramente, no lugar, a identidade do ser que ali está e, no indivíduo, o lugar construído por ele. (STURZA,2020, P.17)

Sturza (2020) clarifica em sua discussão que a compreensão é um decurso dialético que capta o homem enquanto sujeito e o lugar como sendo objeto, e a partir disso peneirando as conexões existentes sejam objetivas e subjetivas, exposta e incertas, instituídas entre a globalização e a individualidade. Nesse sentido Carlos (2007) nos aponta que:

A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico e, revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada. Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno. (CARLOS, 2007, P.20).

O entendimento acerca do pensamento de Carlos (2007) e Sturza (2020) encaminha para o exemplo que pode ser aqui citado: a vila de Alter do Chão, figura 2. É um lugar cheios de símbolos culturais da região oeste do Pará, que preserva na memória dos seus moradores e visitantes, lembranças desse lugar, então isso, faz sentir – se como parte dele.

**FIGURA 2: Vila de Alter do Chão.**



Fonte: Domínio público.

A vila fica cerca de 30km da cidade de Santarém, com acesso rápido pela PA 457, a mesma tem aproximadamente seis mil habitantes. É um lugar bastante visitado no período que chamamos de ‘Verão Amazônico’ entre os meses de julho e novembro, época em que mais recebe turistas de outros estados e países. Na figura 2, que é uma imagem publicada no site “*Auroraeco*” em março de 2021, observa a chama “ilha do Amor”, local em que ocorre a concentração de pessoas para desfrutar da praia.

Alter do Chão é um lugar de enorme importância cultural, porque é palco de uma das mais tradicionais festas do oeste paraense, o conhecido “Çaire”. Essa relevância cultural da vila de Alter vai de encontro ao debate proposto por Carlos (2007, p.14) de que: “o lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço.”, em razão dessa apropriação, é que se pode fazer o uso do mesmo por conta de atribuições culturais, econômicas e sociais. (CARLOS, 2007).

Bartoly (2011, p. 68) coloca que “na definição do conceito, não é necessário que o lugar desfrute de uma longevidade para que seja relevante, mas que desempenhe uma função importante que o diferencie dos demais”, mas que o lugar sempre tem a sua singularidade como característica principal para se tornar uma referência importante na vida de cada pessoa. O conceito de lugar vai além de localização do espaço, é algo mais próximo da experiência do convívio social, do vínculo pertencente.

O conceito de lugar para Geografia e a relação das pessoas com esses “lugares”, vão delineando uma apropriação do espaço geográfico, com características de pertencimento, com o seu lugar de origem ou com aquele que sinta fazer parte, sendo percebido cultural e socialmente.

### **1.3 – Região**

Região para a Geografia, pode ser reconhecida como uma porção da superfície indicada a partir de características marcantes naquele espaço e, também como centralização de poder e unidade administrativa. O que segundo Gomes (2001, p. 53) “na linguagem cotidiana do senso comum, a noção de região parece existir relacionada a dois princípios fundamentais: o de localização e o de extensão”. Mas para a ciência geográfica a região pode ser dividida baseada em critérios como: regiões naturais, econômicas, políticas, sociais entre outras. (GOMES, 2001).

Serpa (2013, p. 172) assinala que “a íntima interligação dos fatos econômicos com os sistemas de valor, tradições e organização social, em qualquer recorte, inclusive no recorte regional, justifica uma abordagem dialética e fenomenológica para o conceito de região na Geografia”, afirmando que as diversidades culturais das cidades que estão localizadas na mesma região, e que diferenciam uma sociedade, podem ser caracterizadas por seus elementos físicos

como a vegetação, o clima, o relevo a hidrografia, mas, também por seus aspectos econômicos, por meio das relações socioeconômicas com as cidades pertencentes a mesma região.

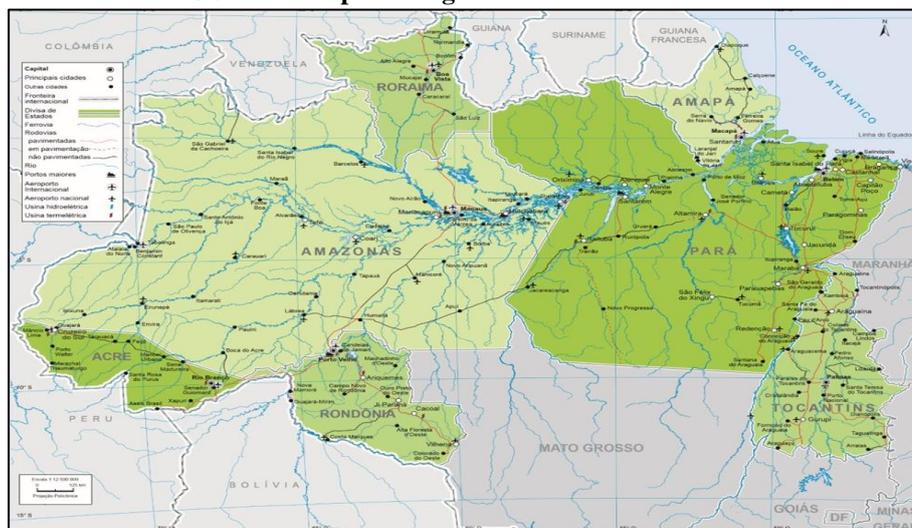
Lencioni (1999, p.187) traz a reflexão de que ainda existe por parte da grande maioria dos geógrafos um aprisionamento em torno da palavra região, isso acontece por conta dos mais diversos sentidos e suas variações, porque é “uma palavra de uso corrente e, como as vezes ocorre com o discurso geográfico, se exprime por metáforas, a exemplo ‘região que trabalha’”.

A busca por novos caminhos de análise na geografia surgiu no momento em que o lugar, o regional e o global se recompuseram diante da recente reestruturação do capitalismo. Atualmente, com o processo de globalização essa reestruturação traz à tona o questionamento da pertinência da escala de análise regional e também o esclarecimento de sua relevância como instância particular de análise que se situa entre o local e o global. (LENCIONI, 1999, P.199).

Coadunando com o debate proposto, a perceptividade demonstra, que na atualidade, não se pode apoiar nos moldes tradicionais e clássicos quanto a definição de região. Isso se deve ao fato de que a homogeneização conduz diretamente a fragmentação, acentuando a “diferenciação regional” (LENCIONI, 1999, P. 199). O que para Serpa (2013, p.172) a conceituação de região está diretamente ligada a “necessidade de identificar as possibilidades de sua articulação em termos epistemológicos com o conceito de território”, partindo de pressupostos erguidos a partir de perspectivas “sociocultural, política e econômica”. (SERPA, 2013. P 172).

Insuflado na proposta argumentativa quanto a discussão acerca de região, referenciando-se nos autores supracitados, toma-se como menção a região Norte (figura 3), que possui inúmeras culturas, diversos fatos históricos, costumes e tradições de raízes indígenas, quilombolas e europeus colonizadores.

**FIGURA 3: Mapa da Região Norte do Brasil**



Fonte: IBGE / [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).

A enorme extensão territorial da Região Norte do Brasil, fez surgir cidades polarizadoras que abastece tanto as comunidades ribeirinhas próximas quanto os demais municípios que estão na circunvizinhança. Outra particularidade das regiões que pode ser citado é em relação ao modo de falar das pessoas, a linguagem.

A magnitude do número de pessoas em deslocamento evidência a importância da mobilidade para o acesso ao mercado de trabalho e aos serviços e funções de educação que se distribuem de forma dispersa/complementar entre municípios de uma mesma unidade regional – casos em que reforça e faz surgir centralidades e subcentralidades. (MOURA, DELGADO E COSTA ,2013, P. 673).

Imbuídos de que a percepção do conceito de região é meritória na busca quanto o entendimento a respeito do recorte espacial e, que estabelece em uma categoria de análise própria da geografia, caracteriza a importância de revisitar cada uma delas, com exemplificações próprias no sentido de valorização do conhecimento geográfico.

#### **1.4 – Território**

A análise quanto ao território caminha com o sentido de presumir a presença de um conjunto próprio e pronto que possa dirimir toda a investigação de maneira eficiente e congruente a essa categoria geográfica que faz parte do alicerce teórico da Geografia. (PEREIRA, 2011).

É assim que a categoria território, desde F. Ratzel até os dias de hoje, constitui importante recurso conceitual e oferece um quadro de referência válido para a análise do espaço geográfico, quando se leva em consideração a importância da política. Entretanto, não há como tomar o conceito de território tal como Ratzel o fizera no século XIX, ao mesmo tempo em que não há como desconsiderar o papel da política quando se pensa em território. (PEREIRA, 2011, p.96).

Pereira (2011, p.96) argumenta que a reflexão quanto ao território, precisa tê-lo como um conceito praticável em relação a análise dos episódios no formato como são apresentados atualmente. Isso se deve ao fato de que “implica reconhecermos os seus fundamentos, ou seja, suas bases comuns que, ainda que em constante transformação, lhe conferem status de uma categoria analítica válida”. A especulação na atualidade de que o território, é uma categoria de análise se mantém pertinente, muito em função dos debates a respeito da expressividade quanto as demandas políticas do espaço, especialmente em relação a disputa de poder.

Assim, ao pensarmos o território, pensarmos o território como conceito, conceito oportuno à análise desta totalidade que é o espaço geográfico, a ideia de política e a ideia de poder aparecem como seus fundamentos privilegiados, fundamentos estes que atravessam períodos e garantem a possibilidade de se falar em território até os dias de hoje. (PEREIRA, 2011, p.96).

Na perspectiva de entendimento do mundo hoje, o pensamento a respeito do conceito de território com certeza deve ser restaurado, por conta da inseparabilidade, segundo Pereira (2011, p.97) isso ocorre por conta dos “sistemas de ações e da materialidade da vida das sociedades”, o que diretamente está em conformidade com o pensamento de Santos (1996) quando o mesmo apresenta a seguinte tratativa:

Nada fazemos hoje que não seja a partir dos objetos que nos cercam”, e temos ainda de levar em conta que, “(...) enquanto os outros especialistas podem escolher, na listagem de ações e na população de objetos, aqueles que interessam aos seus estudos setoriais, o geógrafo é obrigado a trabalhar com todos os objetos e todas as ações. (SANTOS, 1996, p.257).

A significância dessa referência se constitui no temário de que a argumentação quanto ao território, como categoria de análise, deve ter, em consideração, todos os elementos que lhe são proporcionados, bem como seus objetos e ações que o vivificam, além, é claro de seus usos e as inferências decorrentes. (PEREIRA, 2011).

Para Santos (1994, p. 15) “o território era a base, o fundamento do Estado-Nação que, ao mesmo tempo o moldava”, porque, na atualidade, questões pertinentes e o reconhecimento de que a concepção do “meio técnico – científico - informacional possibilita a redefinição dos sistemas políticos e das estratégias de ação, o território ganha uma nova conotação” (PEREIRA, 2011, P.97).

A conexão presente no debate é justamente pela indivisibilidade das circunstâncias tanto material quanto imaterial do território, porque não existe apenas uma. Há de se ter cuidado com as inúmeras definições instantâneas, que traçam perfis alimentados, exclusivamente, pelo momento em que estão inseridos, ou seja, de maneira aleatória, constituem afirmações que não condizem com a realidade apresentada. Isso faz com que muitas vezes ocorra o reducionismo apregoado pelo empirismo. Porto Gonçalves alerta para o senso de criticidade da variedade de situações que se apresentam como debate.

A sociedade se territorializa sendo o território sua condição de existência material. É preciso recuperar essa dimensão material, sobretudo nesse momento como o que vivemos em que se dá cada vez mais importância à dimensão simbólica, quase sempre de modo unilateral, como se o simbólico se opusesse ao material. (PORTO-GONÇALVES, 2002, p.311).

A perspectiva apresentada por Porto Gonçalves (2002) revela uma sintonia de conhecimento para o qual se deve o direcionamento do olhar, no sentido do alinhavo quanto as concepções que cerceiam o debate acerca do território. Silveira (2006) é enfática quando diz que a idealização do

território justo advém do seu próprio material geográfico, e que o mesmo não pode ser pensado sem a Geografia, ou seja, sem que haja a pertinência de uma averiguação constitucional do território.

O debate acerca da criação do Estado do Tapajós se apresenta como a exemplificação da referida categoria de análise. Porque desde o final do século XIX, permeia o imaginário político da região Norte, sobretudo do Estado do Pará, a divisão territorial do mesmo, que sempre se fundamentou na questão de que a governabilidade, desde tempos outorados, não demonstrava interesse político, econômico, social, cultural e educacional para as demais áreas, e que todos os movimentos e decisões concentravam-se na capital.

Acontece, nos lugares, a resistência ao localismo que destina aos pobres a cidadania restrita e limitada. Neles, também é possível reconhecer rugosidades impeditivas das localizações ansiadas pela ação hegemônica, o que alimenta a noção de território que deverá substituir a que orienta esta ação. (RIBEIRO, 2004, p.44).

Portanto a maior provocação é a percepção de que o território passe a ser considerado como sendo uma base territorial na qual a sociedade organizada desfrute de possibilidades ao bem e aos interesses comuns, cuja a efetividade seja as escolhas adequadas na propositura de seu próprio futuro, sem que ocorra a utilização por negociadores hegemônicos, que apenas considera que o território seja um recurso.

O intuito desse primeiro capítulo foi de construção quanto a um cenário teórico acerca da base epistemológica que a ciência geográfica traz em relação ao debate instituído sobre as categorias de análise. A propositura de que cada categoria pudesse trazer uma exemplificação materializada na realidade de inserção da pesquisadora, foi pensada no sentido de valorização do conhecimento, para que no capítulo seguintes a fruição da discussão estivesse consolidada. A pertinência do segundo capítulo, oferece uma discussão voltada as passagens bíblicas e de que maneira ocorre a inter-relação com o conhecimento geográfico.

## **CAPÍTULO 2 – NARRATIVAS BÍBLICAS E AS CATEGORIAS DE ANÁLISE DA GEOGRAFIA: CONTEXTUALIZAÇÃO E DIMENSÃO.**

Sabe-se que as passagens bíblicas relatam momentos importantes para a história da humanidade, e que os mesmos foram narrados em detalhes com descrições riquíssimas quanto aos aspectos físicos bem como os culturais, educacionais, políticos e sociais.

Parte da Geografia Geral, tem a Geografia Bíblica, por objetivo, o conhecimento das diferentes áreas da Terra relacionadas com as Sagradas Escrituras. Descrevendo e delimitando os relatos sagrados, dá-lhes mais consistência e autenticidade, auxiliando-nos na interpretação e compreensão dos fatos bíblicos. (ANDRADE, 1987, P.16).

Os textos bíblicos retratam a geografia daquela época, tais como um povo caminhando longos trajetos de uma cidade para outra, a travessia do mar vermelho, as conquistas de territórios, e os pontos estratégicos de comércios e rotas de navegação de suma importância para a economia local e regional. Além de retratar a importância das áreas físicas como as planícies que eram para onde os pastores levavam os seus rebanhos, a terra e o mar como fontes de sustento, as chuvas e as regiões administrativas que davam apoio as cidades próximas.

Gabel & Wheeler, (2003 P.13) insere que “basta aos nossos propósitos que a Bíblia seja, como é, um fascinante documento humano de enorme importância para a cultura e a história do mundo moderno”, o que permite discorrer acerca da legitimidade da geografia implícita nos textos que constituem os acontecimentos das narrativas bíblicas.

A finalidade desse capítulo é que se estabeleça a trajetória entre as narrativas bíblicas e as categorias de análise da geografia com o sentido de contextualizar e dimensionar como é possível a identificação dessa interface no debate da ciência geográfica. Para tal foram escolhidas algumas passagens: Monte Sinai, Muro das Lamentações e o Templo de Jerusalém, Egito e o canal de Suez e as Colinas de Golã.

### **2.1 – Paisagem: Monte Sinai o que revela.**

Na categoria de análise da paisagem, o Monte Sinai (figura 4), que atualmente é chamado de Monte Musa (Monte de Moisés), aparece algumas vezes no Antigo Testamento, no livro de Êxodos, capítulo 19, versículos 1 e 2: “No terceiro mês da saída dos filhos de Israel da terra do Egito, no primeiro dia desse mês, eles chegam ao deserto do Sinai”, evidenciando que após a saída dos israelitas, que tinha sido escravos no Egito, ficaram reunidos conforme descrita na narrativa do livro de Êxodos 19: 1, 2: “Tendo partido de Refidim, vieram ao deserto do Sinai, no qual acamparam; ali Israel acampou em frente ao monte, recebendo os dez mandamentos.

**Figura 4: Monte Sinai, o monte de Deus.**



Fonte: Domínio Público.

A narrativa apresenta que um grupo populacional migrou de um país que os mantinha como pessoas escravizadas e seguindo para um deserto, no qual Deus revela a Moisés os Dez Mandamentos escritos em tábuas de pedras. De acordo com Holman (2003, p 1.567) existe em outros livros bíblicos, que compõem o Antigo Testamento, a citação da paisagem do Monte Sinai, como a referência entre a aliança que Deus estabelece com a humanidade. A pertinência do texto bíblico está na descrição feita quanto a localização e, principalmente como nos aponta Andrade (1987) do quanto essa paisagem exerce forte influência nos relatos de tais narrativas.

Os montes sempre exerceram fortíssima influência sobre a alma hebreia. Nas elevações dos termos de Jacó, vislumbravam os israelitas a majestade do grande Eu Sou. Outras experiências espirituais tiveram eles nos montes que, em Israel, são bastante comuns. (ANDRADE, 1987, P. 157).

O Monte Sinai está localizado na parte do sul da península do Sinai, que é excessivamente montanhosa com altitudes que chegam a 2.700 metros. O mesmo possui aproximadamente 37.500 metros quadrados. E que tem um significado muito importante para os cristãos e judeus. Tem uma importância muito grande para o turismo onde as pessoas que viajam em caravanas para Israel podem passar por lá. Os turistas podem subir o monte, mas precisam de muita cautela em razão dos 4.000 mil degraus que foram escavados na rocha, no topo tem uma capela que segundo os historiadores foi construída no ano de 1934. (HUBNER, 2009).

Com características de um local sagrado, pois foi ali que aconteceu a revelação dos dez mandamentos bíblicos, sendo uma ordem universal em que as pessoas religiosas ou não, acreditam e praticam como requisitos morais para se viver bem em uma sociedade, a paisagem do Monte Sinai nos revela que o maior interesse está presente quanto a questão econômica, porque existem grandes depósitos de petróleo e extensas minas de manganês. (HOLMAN, 2003, P. 1566).

A paisagem pode ser entendida como o produto das interações entre elementos de origem natural e humana, em um determinado espaço. Estes elementos de paisagem organizam-se de maneira dinâmica, ao longo do tempo e do espaço. Resultam daí feições e condições também dinâmicas, diferenciadas ou repetidas, o que permite uma classificação, ao agrupar-se os arranjos similares, separando-os dos diferentes. (MAXIMIANO, 2004, P.90).

O referenciamento acerca do Monte Sinai no livro de Êxodo, como uma narrativa bíblica que discorre a respeito da presença da paisagem, que é uma categoria de análise da geografia, não se apresenta apenas no âmbito cultural e religioso, perpassa por interesses econômicos direcionados a exploração do turismo como também no valor da terra por conta da presença de matéria prima necessária a indústria mundial.

A paisagem retém a atenção, uma vez que é o suporte das representações. Ela é simultaneamente matriz e marca da cultura, segundo a fórmula de Augustin Berque: matriz, visto que a organização e as formas que estruturam a paisagem contribuem para transmitir usos e significações de uma geração à outra; marca, visto que cada grupo contribui para modificar o espaço que utiliza e gravar aí os sinais de sua atividade - o que era considerado pela geografia no começo do século - e os símbolos de sua identidade. (CLAVAL, 2006, p. 102;103).

Essa coalisão de ideias permite uma reflexão do papel da humanidade no registro da inter-relação homem/meio e a pertinência dos fatos e acontecimentos históricos que modificam significativamente a paisagem. No caso do Monte Sinai, isso é percebido durante toda a narrativa bíblica em que é dado a importância àquela paisagem, “com a retenção da atenção, no sentido que a mesma se lança sobre ela um novo olhar”. (CLAVAL, 2006, p.103).

Rosendahl (2006, p.121) apregoa que a explicitação da “construção do espaço sagrado implica um duplo simbolismo”, porque acontece em dois momentos muito distintos que é primeiramente “a centralidade do mundo, que passa a ser um referencial, cujo prestígio é determinado, e em um segundo momento, a construção impõe uma interpretação simbólica materializada”.

O Monte Sinai, exerce esse papel porque além da paisagem, é um lugar sagrado por conta dos acontecimentos e eventos sagrados que ocorreram em determinado tempo no contexto bíblico e que até hoje são lembrados. No início dos anos 2000, moravam cerca de 270 mil pessoas na península Sinai, na qual se localiza o monte. Essa região é habitada desde a era da pré-história,

segundo historiadores os registros mais antigos têm a data de 3.000 a.C. Nos dias atuais a população vive do comércio, e do turismo. (HOLMAN, 2003, P. 1566).

## **2.2 – Lugar – muro das lamentações e templo de Jerusalém**

No conceito de Lugar na narrativa bíblica, evidência o Muro das Lamentações e o Templo de Jerusalém, que até os dias atuais são considerados lugares importantes para a humanidade. Andrade (1987, S/P) discorre que: “Jerusalém constitui-se na mais célebre cidade do mundo. É venerada por três religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo. Até mesmo sua localização geográfica é privilegiada”.

A definição de um lugar sagrado reflete a percepção do grupo envolvido. Como o simbolismo das formas espaciais varia de grupo para grupo, dificilmente se pode generalizar sobre os princípios da paisagem religiosa, apesar dos geógrafos possuírem agora um viés explicativo muito mais amplo que no passado. (ROSENDAHL, 2006, p 126).

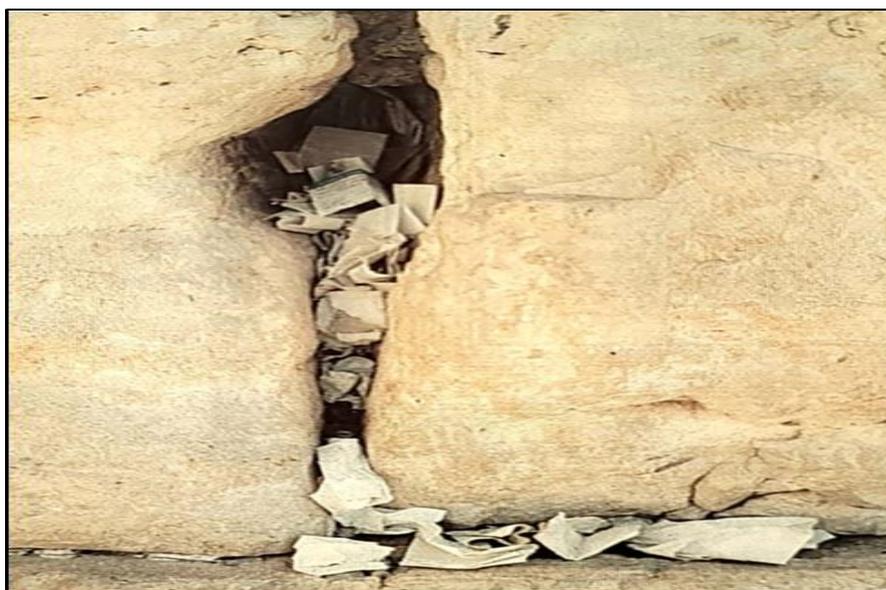
Tuan (1983), insurgiu o debate quanto aos lugares sagrados e suas perspectivas necessárias aos ambientes que carregam um alto nível de simbolismo, com ritos e cerimoniais específicos para cada uma das manifestações. A inferência de um diálogo, pelo qual demonstra interesse em conhecer a repercussão que o sagrado institui ao lugar e, por conseguinte a disposição quanto as atividades humanas, possui uma enorme relevância no debate da agenda do conhecimento geográfico.

Considera que o Muro das Lamentações é o segundo local mais sagrado do judaísmo, é um indício do antigo templo de Jerusalém construído primeiramente pelo rei Salomão depois por Herodes. Atualmente o muro é um lugar turístico e muito conhecido, passam por lá, durante o ano, milhares de pessoas que viajam até Jerusalém para conhece-lo, porque “Meca e Jerusalém são cidades-santuários que possuem enorme importância por serem lugares de origem de religiões”. (ROSENDAHL, 2006, p. 129).

A tradição judaica de ir ao muro orar e depositar essas orações escritas em bilhetes de papel entre as fendas existentes nas várias partes do muro, mas a principal é a que fica na praça, sendo a mais conhecida pelos turistas e está dividida entre homens e mulheres. Quando esses papéis são inseridos no muro eles se tornam sagrados, depois de depositar os pedidos as pessoas não devem sair de costa para o muro em respeito ao lugar. Para Rosendahl, (2006, p. 137) “o comportamento do romeiro no espaço sagrado consiste em dar qualidade nova ao que é declarado, desejado e consagrado”.

Quando essas fendas ficam cheias os trabalhadores do local são responsáveis de retirar esses papéis isso acontece duas vezes por ano, os papéis são enterrados no Monte das Oliveiras. Turistas de todas as partes do mundo também deixam os seus pedidos ou agradecimentos nessas fendas que foram consumadas pela ação do tempo como o vento e a chuva (Figura 5).

**Figura 5: Papéis com pedidos de oração ainda são colocados entre as grandes pedras do Muro das Lamentações.**



Fonte: Dicionário Bíblico Ilustrado Vida. 1. Edição fev. 2018

A figura 6 apresenta a praça principal e no fundo o Muro das Lamentações. As pessoas são moradores locais ou turistas que visitam o muro diariamente para fazer suas orações de agradecimento ou súplicas. Além do lugar os turistas procuram conhecer regiões do Líbano, Jordânia, Cisjordânia e Egito, citadas muitas vezes nas narrativas bíblicas, que ficam próximas e que possuem o simbolismo explicitado.

**Figura 6: Praça principal de Jerusalém, e parte do Muro das Lamentações.**



Fonte: Domínio Público.

A história do templo começa primeiro com o Rei Davi que desejava construir um templo, um lugar de culto para Deus, durante muitos anos ele juntou riquezas e materiais para a construção deste templo. Entretanto Deus não o permitiu que ele construísse em seu reinado, ficando assim para o reinado do seu filho Salomão, que construiu o templo que ficou conhecido como o Templo de Jerusalém ou Templo de Salomão.

O templo de Jerusalém foi palco de muitos acontecimentos no NT. O nascimento de João Batista foi anunciado lá (Lucas 1.11-20). A oferta de José e Maria por ocasião da circunstância de Jesus foi levada ao templo (2.22-28). Jesus foi ao templo quando tinha 12 anos (2.42-51) e, mais tarde, ensinou lá em seu ministério (Jó 7.14). Seu ato de purificar o templo foi instrumental na precipitação dos acontecimentos que culminaram em sua morte. (HOLMAN, 2003. P. 1617).

Logo após o reinado de Salomão o templo foi destruído pelos babilônios, e suas riquezas foram levadas para a Babilônia junto com alguns judeus que foram levados presos. Após anos de cativeiro a qual os judeus passaram na Babilônia eles voltaram para Jerusalém, e o templo foi reconstruído no mesmo lugar do antigo templo.

Este segundo templo foi reconstruído por intermédio do rei Ciro, e aos comandos de Esdras e Neemias que eram líderes do povo judeu naquela época, a reconstrução foi finalizada no reinado de Herodes, com um templo bem maior que o primeiro, no ano 70 depois de Cristo, foi destruído pelo general Tito. Andrade (1987, S/P) afirma “não há acontecimento tão funéreo e triste para os judeus como a destruição de Jerusalém”.

Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, o Deus dos céus, deu-me todos os reinos da terra e designou-me para construir um templo para ele em Jerusalém de Judá. Qualquer do seu povo que esteja entre vocês, que o seu Deus esteja com ele, que vá a Jerusalém de Judá reconstruir o templo do Senhor, o Deus de Israel, o Deus que em Jerusalém tem sua morada. (ESDRAS 1:2,3)

A profecia da destruição do templo está no livro de Lucas 21:5,6 – “Alguns falavam a respeito do templo, como estava ornado de belas pedras e de dádivas. Então Jesus disse: — Vocês estão vendo estas coisas? Virão dias em que não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada”. A percepção quanto o contexto apresentado pelo texto bíblico supracitado, apresenta-se como sendo uma tática delineada na complexidade daquele lugar sagrado e seus símbolos, Sacks (1986, p. 93) “considera que a igreja possui duas naturezas: a primeira constitui um sistema abstrato de fé e de doutrina, e a segunda refere-se as instituições sociais da igreja”.

O poder religioso local, que na realidade é “franqueado” a uma congregação que o administra, está integrado à “rede” de santuários, que atinge espaços sagrados multifocalizados. Pode-se imaginar um aglomerado de santuários nacionais e internacionais integrados e que funciona harmonicamente. (ROSENDAHL, 2006, p.149).

O papel do sagrado na concepção de lugar se apresenta como sendo um elemento na produção do espaço, e com isso, ocorre a materialização do mesmo, por meio de “formas espaciais”, tendo o romeiro ou peregrino, como sendo um agente que executa a modelagem do espaço, ou seja, ao mesmo tempo que produz, consome o sagrado.

### **2.3- Região – Egito-canal de Suez.**

Na categoria Região, o Egito – Canal de Suez, é apresentado com a devida importância tanto no contexto bíblico como para os dias atuais, por conta da contribuição para a economia global.

[...] uma unidade de análise geográfica, que exprimiria a própria forma de os homens organizarem o espaço terrestre. Assim, a região não seria apenas um instrumento teórico de pesquisa, mas também um dado da própria realidade. As regiões existiriam de fato, e caberia ao geógrafo delimitá-las, descrevê-las e explicá-las. A região seria uma escala de análise, uma unidade espacial, dotada de uma individualidade, em relação a suas áreas limítrofes (MORAES, 1999, p.75).

Uma das principais narrativas é quando Abrão buscou viver no Egito por causa da fome, em Gênesis 12: 9 -10 – “Depois, Abrão partiu dali, indo sempre na direção do Neguebe. Havia fome naquela terra; e desceu Abrão ao Egito, para peregrinar ali, porquanto a fome era grande na terra”. Haesbaert (2002a, p.34), discute “a região como expressão de identidade cultural, irá

propor o binômio “rede-regional”, para designar “regionalismos” comuns, mas descontínuos no território”.

Em Gênesis 41:46 – “José tinha trinta anos de idade quando se apresentou a Faraó, rei do Egito, e andou por toda a terra do Egito”. Sendo tratado como escravo por anos na casa do faraó, depois de muito tempo faraó teve um sonho e José foi o único que conseguiu interpretar, foi então que faraó o colocou como o Governador do Egito.

[...] um espaço (não institucionalizado como o Estado-Nação) de identidade cultural e responsabilidade política, articulado em função de interesses específicos, geralmente econômicos, por uma fração ou bloco regional de classe que nele reconhece sua base territorial de reprodução (HAESBAERT, 2002a, p.32)

Segundo os relatos das narrativas bíblicas, José teve a oportunidade de administrar as riquezas do Egito. Naquela época o rio Nilo era fundamental para manter a agricultura e gerar mantimentos. A administração de José fez com que o Egito se tornasse a região mais rica. Em Êxodo 6:13 – No entanto, o Senhor falou a Moisés e a Arão e lhes deu uma ordem para os filhos de Israel e para Faraó, rei do Egito: deveriam tirar os filhos de Israel da terra do Egito.

Até recentemente, a superfície da Terra era utilizada segundo divisões criadas pela natureza ou pela história, chamadas regiões, e que, de um modo geral, constituíam a base da vida econômica, cultural e, não raro, política. [ ] Hoje, graças ao processo das técnicas e das comunicações, a esse território das regiões superpõe-se um território das redes. Mas não se trata de um espaço virtual, como alguns pretendem. As redes são realidades concretas, formadas por pontos interligados que, praticamente, se espalham por todo o planeta, ainda que com densidade desigual, segundo continentes e países (SANTOS, 2002, p.82).

O antigo Egito, foi um dos primeiros países registrados na história, em que a escrita era feita em papiros, desenhavam mapas e podiam contabilizar o comércio. Holman, (2003, p 516) atesta que: “o país era dividido em duas terras, o alto e o baixo Egito, o Alto Egito “é o vale arável do Nilo”, a parte do Baixo Egito “é a referência ao amplo delta do Nilo no Norte, formado de depósitos aluviais”.

Compreender uma região passa pelo entendimento do funcionamento da economia ao nível mundial e seu rebatimento no território de um país, com a intermediação do Estado, das demais instituições e do conjunto dos agentes da economia, a começar pelos seus atores hegemônicos (SANTOS, 1997b, p.46).

O canal de Suez tem o seu antecessor chamado de “Canal dos Faraós” que foi construído no passado, tinha um percurso diferente do atual, mas foi construído no mesmo vale e ligava o rio Nilo ao Mar Vermelho. Esse canal foi construído no antigo Egito pelos faraós que tinha a mesma intenção do canal de Suez, com objetivo de diminuir o tempo de viagem das embarcações, agilizando o transporte de mercadorias e contribuindo para a economia.

Suez é uma cidade no Egito, capital da província com o mesmo nome, cuja riqueza é o petróleo e o canal que liga o Mediterrâneo ao Mar Vermelho. É um canal artificial, construído sob iniciativa francesa, a partir de 1859, e inaugurado em 1869, mas somente no século XX assumiu as dimensões apropriadas para navegação. (BIBLOS, 2006, P. 44).

Segundo Carvalho (2021), o canal de Suez é um canal artificial que foi criado para diminuir o tempo de viagem dos grandes navios de carga, facilitando trajeto da Ásia para a Europa, sem ter que contornar a África. O canal tem hoje em dia cerca de 193,30 km de comprimento, com 24 metros de profundidade e 205 metros de largura o tempo de travessia do canal dura entre 11 e 16 horas, (Figura 7), transportando todo tipo de mercadorias, promovendo um fluxo de embarcações.

**Figura 7: Navio porta aviões passando pelo canal de Suez.**



Fonte: Domínio Público.

O canal de Suez é considerado, segundo Mota (2021), o maior canal artificial que não possui eclusas, e foi construído há mais de cem anos, mas que tem sofrido modificações constantes para atender as demandas da região.

Pereira (2004, p. 351) aponta que a diferenciação ocasionada pelas variadas “ações sociais, e principalmente pelo processo de produção e arranjo econômico nas mais diversas escalas, o espaço geográfico atual se (re) organiza em regiões”, tendo cada uma sua própria logicidade “dotada de especificidade próprias, num movimento dialético de interação entre o todo e as partes, e vice-versa”.

A construção do Canal de Suez representa além as possibilidades logísticas ao comércio internacional, mas as modificações quanto as características econômicas, geopolíticas e ambientais, ao criar cidades as suas margens, globalizar e modernizar as regiões, acometer o fluxo migratório. (CARVALHO, 2021).

## 2.4- Território – Monte de Basã/colinas de Golã.

O Antigo Testamento, no que se refere a categoria de análise Território, a narrativa bíblica, em que após a guerra entre os povos, Israel teve posse sobre Basã matando o rei Ogue, posteriormente, o território foi dado a tribo de Manassés. Outra passagem bíblica - Deuteronômio 3:1 – “Depois, voltamos e fomos na direção de Basã. E Ogue, rei de Basã, saiu ao nosso encontro, ele e todo o seu povo, para lutar contra nós em Edrei”.

**BASÃ**, região mais setentrional da Palestina a leste do rio Jordão. Embora sua extensão exata não possa ser determinada com certeza, geralmente refere-se a uma região a leste do mar da Galileia. No tempo de Moisés, era governada pelo rei chamado Ogue, derrotado pelo exército israelita (Nm 21.33-35). Foi designada área da tribo de Manassés (Dt 3.13; Js 13.29-31). Provavelmente por conta da localização fronteiriça, trocou de mãos diversas vezes no decorrer da história de Israel. Era conhecida como região particularmente fértil (Dt 32. 14; Ez 39.18). (HOLMAN, 2003, P. 206).

Observa que desde os tempos bíblicos o território de Basã vivia em disputas entre reis, assim como nos dias atuais a região de Basã, ainda, está entre disputa pelos países Israel e Síria. Outra passagem no mesmo livro de Deuteronômio e capítulo 3, no versículo 10 que diz: “Tomamos todas as cidades do planalto, todo o Gileade e todo o Basã, até Salca e Edrei, cidades do reino de Ogue, em Basã”. No livro de Josué 17:5 também relata sobre as terras de Basã, - “Couberam a Manassés dez quinhões, além da terra de Gileade e Basã, que está do outro lado do Jordão”.

[...] Os israelitas capturaram essa terra quando derrotaram Ogue, o rei de Basã, durante o êxodo (Nm 21.31-35). A área foi designada e ocupada pela meia tribo de Manassés, e os israelitas continuaram a assentar-se intensamente nessa área até a destruição do Reino Norte de Israel em 722 a.C. Como Basã está entre a Terra Prometida, para o sudeste e a nação da Síria, para o nordeste, era uma área de repetidos conflitos. Por exemplo, Acabe, o rei israelita, derrotou os sírios em Basã (1Rs 20. 13-34). (PATMOS, 2023, P. 24)

Em determinado momento a cidade de Golã, em Basã, foi feita cidade de refúgio para os habitantes que cometiam crimes. No livro de Josué 21:27 – “Aos filhos de Gérson, das famílias dos levitas, deram, em Basã, da tribo de Manassés, Golã, a cidade de refúgio para o homicida, com os seus arredores, e Beesterá com os seus arredores”.

As características de Basã também foram lembradas na poesia e textos bíblicos, como nos Salmos 68:15 – “Monte altíssimo é o monte de Basã; serra elevações é o monte de Basã”. Em Jeremias 50:19 – Farei Israel voltar a sua morada, e pastará no Carmelo e em Basã; matará a sua fome na região montanhosa de Efraim e em Gikeade.

Para Gottmann (1973), o território possui significado como uma parcela do espaço, caracterizada pela acessibilidade, ou não, em meio à fluidez moderna, resultante dos avanços

tecnológicos do século XX, aumentando as possibilidades de circulação de pessoas e mercadorias aos lugares do planeta. (ARAÚJO, CALDAS, 2019, p. 362).

Apesar de ser conhecida como um território sírio, pois não foi considerada pela ONU como parte de Israel, o território das Colinas de Golã é ocupado e administrado por Israel desde 1967, conforme a figura 8.

**Figura 8: Localização das Colinas de Golã / Golan.**



Fonte: Domínio Público.

Neste conflito Israel conseguiu destruir praticamente todo o exército da Síria, Egito, Jordânia e Iraque que haviam se juntado para lutar contra os militares de Israel. Com isso o estado judeu ficou conhecido em escala global pelos seus feitos nessa guerra, elevando – o a um nível de grande potência militar.

Raffestin (1980) defende a existência de múltiplos poderes que se manifestam nas estratégias regionais e locais. Nessa perspectiva, o território é entendido como a manifestação espacial do poder fundamentada em relações sociais, determinadas, em diferentes graus, pela presença de energia, ações, estruturas concretas, de informação e estruturas simbólicas. Essa compreensão permitiu ao autor pensar o processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização (T-D-R), baseado, sobretudo, no grau de acessibilidade à informação; isto é, elementos que podem fazer surgir novos territórios (territorialização), ou mesmo destruí-los (desterritorialização) ou até reconstruí-los (reterritorialização). (ARAÚJO, CALDAS, 2019, p. 362).

Delaney, (2005, p. 16) relaciona-se como sendo: “esta relação fundamental com o poder social é uma das características que distingue o território de outras formas de espaço social”, por conta da importância estratégica que possuem. As Colinas de Golã, (figura 9) é uma região que, também é visitada por turistas, porém com menos frequência que outros pontos turísticos,

primeiro por ser um lugar montanhoso, e em segundo por conta dos diversos conflitos que persistem em acontecer. Contudo de acordo com Andrade (1987, S/P), a maior relevância em relação as Colinas de Golã ocorre porque: “as terras do Basã, por causa de sua fertilidade, constituem-se um celeiro para Síria e o Estado de Israel”, e, por conta disso permanece como sendo uma área que continua muito disputada entre os países.

**Figura 9: Colinas de Golã / Golan.**



Fonte: Site Viajo logo. Existo.

A perceptividade incutida no debate que as narrativas bíblicas trazem em relação ao território, que nesse caso, são as Colinas de Golã, pode ser entendida a partir do que Becker, (1983, p. 7) diz da “[...] face à multidimensionalidade do poder, o espaço reassume sua força e recupera-se a noção de território. Trata-se, pois, agora de uma geopolítica de relações multidimensionais de poder em diferentes níveis espaciais”, ou seja, na dimensão do uso político do território.

Para Santos (1996, p.18) “há um conflito que se agrava entre o espaço local, espaço vivido por todos os vizinhos e um espaço global, habitado por processo racionalizador e um conteúdo de origem distante que chega a cada lugar com os objetos e as normas estabelecidas”, o que nitidamente passa a ser concebido a existência dos espaços que mandam e dos espaços que obedecem,

Souza (1995, p 47) aponta que o território pode ser entendido como uma parte “do espaço determinado e delimitado por e a partir de relações de poder, sendo definido por relações sociais sobre um substrato”, e essa discussão perpassa pelas narrativas bíblicas que citam as Colinas de

Golã como território de disputa e poder tanto na antiguidade como na idade moderna e contemporânea.

Na imputação do debate aqui proposto, talvez, o grande desafio seja o de conhecer e discernir as amarras que, ainda, seguram a discussão de temas tão polêmicos e polissêmicos, como a contextualização e dimensionamento das categorias de análise da geografia, por meio das narrativas bíblicas. Há de se pensar em muitos delírios que são ocasionados pela relação homem/natureza, principalmente quanto ao delineamento político, social, econômico, cultural e educacional, presentes em todas as sociedades, no decurso desde a criação do mundo até a contemporaneidade, mas que muitas vezes são negligenciadas no sentido de pensar o imediatismo imbuído pela “alma” humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A decisão em construir um trabalho que aproximasse o debate teórico da ciência geográfica e as narrativas bíblicas, a priori pareceu algo sem nenhum nexos, e que não seria possível, pois qual poderia ser a reação no ambiente acadêmico, a respeito da possibilidade de entendimento propositado.

Durante todo o percurso acadêmico, teve diversos momentos nas disciplinas, por conta do desenho curricular do projeto político pedagógico do curso, em que ocorreu o direcionamento para a contextualização e o dimensionamento das categorias de análise da Geografia nos mais variados cenários. Diante disso, porque não discutir o conhecimento geográfico imbuído nos textos bíblicos.

A elaboração de um projeto para apresentação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, permitiu que houvesse a possibilidade de debate acerca de construir um trabalho final para avaliação que viesse de encontro ao anseio que durante todo o curso de licenciatura em geografia, esteve presente no pensamento.

A construção dessa proposta não foi fácil, porque a demanda de um referencial bibliográfico exigiu leituras e incessante busca de material nos repositórios das universidades, Capes e Cnpq, o que muitas vezes, passou por uma certa frustração, em diagnosticar que é um campo pouco explorado academicamente, porque o propósito nunca foi discutir a geografia da religião, mas conseguir contextualizar e dimensionar a presença das categorias geográficas implícitos nas narrativas bíblicas.

Outra sim, o entendimento pessoal quanto as narrativas bíblicas, deveria se ausentar da construção do corpus do texto, para não correr o risco de contaminar a pesquisa com a subjetividade. Talvez esse tenha sido o maior de todos os desafios na materialização do trabalho.

Desafios foram sendo vencidos, e a pesquisa começa a fruir com o debate sendo alicerçado nas leituras, cuja elaboração do referencial teórico foi de fundamental importância, para que ocorresse a ligação entre o levantamento bibliográfico e a checagem dos parâmetros das narrativas bíblicas.

A pertinência desse trabalho, é ímpar, por conta de que a Bíblia apresenta importantíssimos contextos e ensinamentos, que acabam sendo negligenciados por conta da meritocracia presente na sociedade global. Ao trazer à tona a discussão de que a ciência geográfica abrange inúmeras particularidades históricas, percebe o quanto essas narrativas podem ser utilizadas para subsidiar o debate acerca dos fenômenos geográficos no âmbito da compreensão de muitos acontecimentos sejam eles locais ou globais.

É importante suscitar que o trabalho não foi apenas uma narração, a concepção instituída no desenvolvimento do mesmo, buscou interagir que os principais conceitos das categorias de análise da geografia fossem relacionados as narrativas bíblicas, subsidiado pelo referencial teórico pautando todo o debate.

A intencionalidade da discussão acerca das categorias de análises da geografia que são trazidas no primeiro capítulo demonstra o aprofundamento teórico acerca do conhecimento produzido pela ciência geográfica e que associado a exemplos que fazem parte da realidade vivenciada, materializa a teoria de maneira prática, promovendo o processo ensino aprendizagem.

A geografia da mesma forma que é recente, ela é histórica, faz com que possa compreender o passado e a realidade atual de paisagem, lugar, região e território e, como ocorreram as mudanças com o passar dos tempos, a união da geografia com a história.

Notoriamente, a análise quanto aos textos da Bíblia, permitiu a perceptividade de que muitas das narrativas bíblicas, implicitamente, apresentam as citações geográficas que foram importantes no reconhecimento do comportamento da humanidade e que transformou significativamente o contexto da mesma.

O papel do segundo capítulo vem contemplar o diálogo entre o que as narrativas bíblicas apresentam, trazendo os exemplos de categoria de análise e, de que maneira pode ser construído o pensamento geográfico em torno da compreensão da ciência geográfica e os textos bíblicos.

Por fim, esse trabalho construiu um caminho diferenciado no debate tradicional da academia em relação a ciência geográfica, porque o discurso presente no corpus está associado a pensar a geografia para além do que o livro didático, das discussões teóricas e práticas vivenciadas no decorrer do curso de licenciatura em geografia, da base epistemológica. A experiência de construção instituída pela vontade de pensar uma geografia que faça parte do cotidiano nos mais variados momentos sejam eles profissionais ou pessoais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ANDRADE, C. **Geografia bíblica**. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

ARAÚJO, C. C. de. CALDAS, A. dos S. Território, Territorialização, Territorialidade e a Questão Agrária: Impasses Sócio-Espaciais, Possibilidades Analíticas. **Geosul**, Florianópolis, v. 34, n. 70, p. 358-384, jan./abr. 2019.

BARTOLY, F. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **Geographia**, v.13, n.26, p. 66-91. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2011.v13i26.a13625>

BERTRAND, G. Paisagem e Geografia Física Global: esboço metodológico. Tradução: Cruz, Olga. **Cadernos de Ciências da Terra**. São Paulo, USP-IGEOG, nº 43, 1972.

**BÍBLIA Sagrada nova versão internacional na nova ortografia**. 1.ed. São Paulo: Geográfica Editora, 2020.

**BÍBLIA nova almeida atualizada**: velho testamento e novo testamento. 3.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BIBLOS. **Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**. Rio Grande, v.19, p. 43-53, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor. Cavado no Deserto: uma história do Canal de Suez. In: **Café História**, Brasília,DF, 29 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/cavado-no-deserto-uma-historia-do-canal-do-suez/>. Acesso em: 20 jun.2023.

COLINAS de Golã. **Infoescola navegando e aprendendo**, 2021. Disponível em <https://www.infoescola.com/oriente-medio/colinas-de-gola/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

CONCEITOS Geográficos: lugar. **Youtube**. Publicado em 24 de abr. de 2020. Link: [https://www.youtube.com/watch?v=rIzqh43\\_oBI](https://www.youtube.com/watch?v=rIzqh43_oBI). Acesso em: 10 jun.2023.

CLAVAL, P. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Explorações Geográficas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CURRID, J.D. BARRETT. D. P. **Atlas bíblico patmos**. Traduzido por Degmar Ribas Junior. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.

DELANEY, D. **Territory**: a short introduction. Malden: Blackwell, 2005.

GABEL, J, B; WHEELER, Charles, B. **A Bíblia como literatura**. São Paulo: Loyola, 2003.

GOMES, P. C. C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia**: conceitos e temas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

HAESBAERT, R. **A multiterritorialidade do mundo e o exemplo da Al Qaeda**. Terra Livre n. 7. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros. 2002.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

HISTÓRIA do Monte Sinai. **Portal São Francisco**, <https://www.portalsaofrancisco.com.br>. Acesso em: 12 maio. 2023.

HOLMAN, **Bíblia de Estudo**. São Paulo: vida, 2003.

HUBNER, M.M. **A rota do êxodo**, 2009. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo. 2009.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 1999.

MAXIMIANO, L. A.; R. RA E GA. **Considerações sobre o Conceito de Paisagem**. Curitiba: Editora UFPR, 2004. p. 83-91.

MOTA, Hugo. **Canal de Suez**. Brasil Escola. Geografia. Continentes. Ásia. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/canal-suez.htm>. Acesso em: 06 jun.2023.

MORAES, A. C. R. **Geografia: Pequena história crítica**. 17. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MOURA, R.; DELGADO, P.; COSTA, M.A. Movimento pendular e políticas públicas: algumas possibilidades inspiradas numa tipologia dos municípios brasileiros. *In*: BOUERI, R.; COSTA, M.A. (Ed.). **Brasil em desenvolvimento 2013: estado, planejamento e políticas públicas**. Brasília: IPEA, 2013.

NAVIO encalha no canal Suez. **G1 mundo**, 9 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/09/09/navio-encalha-no-canal-de-suez.ghtml>. Acesso em: 12 jun.2023.

NOGUEIRA, A. R. B. Geografia e a experiência do mundo. **Geografia**, v, 45, n.1, jan./jun. 2020.

PEREIRA, M. F. V. Região Pluralidade e Permanência: Desafios e Tendências Contemporâneas Da Categoria Em Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 29, n. 3, p. 339-353, set./dez. 2004.

PEREIRA, M. F. V. Território E Política: Práxis Invertidas E Desafios Da Existência. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v.23, n.1, p. 95-104, abr. 2011.

**POR QUE o primeiro templo de Israel foi destruído?** A Bíblia.org, 2023. Disponível em: <https://www.abiblia.org/ver.php?id=1700>. Acesso em: 10 jun.2023.

PORTO GONÇALVES, C. W. **Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades**. La guerra infinita. Hegemonía y terror mundial. [S. l.: s. n.], 2002.

RIBEIRO, A. C. T. Lugares dos saberes: diálogos abertos. *In*: BRANDÃO, Maria de Azevedo Org. **Milton Santos e o Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004, p.39-49.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Geografia: introdução à ciência geográfica**. São Paulo: Avercamp, 2008. p. 28-29.

ROSENDAHL, Z. O sagrado e o Espaço. *In*: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Explorações Geográficas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SACK, R. D. **Human territoriality: its theory and history**. London: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

SANTOS, M. **Metamorfoses Do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

SANTOS, M. **Geografia: o país distorcido, o Brasil, a Globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha, 2002.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SERPA, A. S. P. Por uma Geografia dos espaços vividos: Paisagem, Lugar, Região. **GEOUSP – espaço e tempo**, São Paulo, n.33, p. 168- 185, 2013.

SILVEIRA, M. L. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. **GEOUSP**, São Paulo, n. 19, p. 81-91, 2006.

SOUZA, M. L de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: Castro, I. et al. (orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.

STURZA, J.A.I. O Resgate E A Importância Do Conceito Lugar Na Geografia Em Tempos De Pandemia. **Revista GeoPantanal**, UFMS/AGB; Corumbá/MS, n. 28, p. 9-30, jan./jun. 2020.

TROLL, Carl. A paisagem Geográfica sua Investigação. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, 4 jun., 1997. Publicado originalmente em alemão como “Die geographische Landschaft und ihre Erforschung” em *Studium Generale*, 4-5, 1950. Traduzido do espanhol por Gabrielle Corrêa Braga, bolsista CNPq/ UERJ.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução por Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.